

## ■ POLÍTICA

# No Amapá, Sarney não encontra adversários

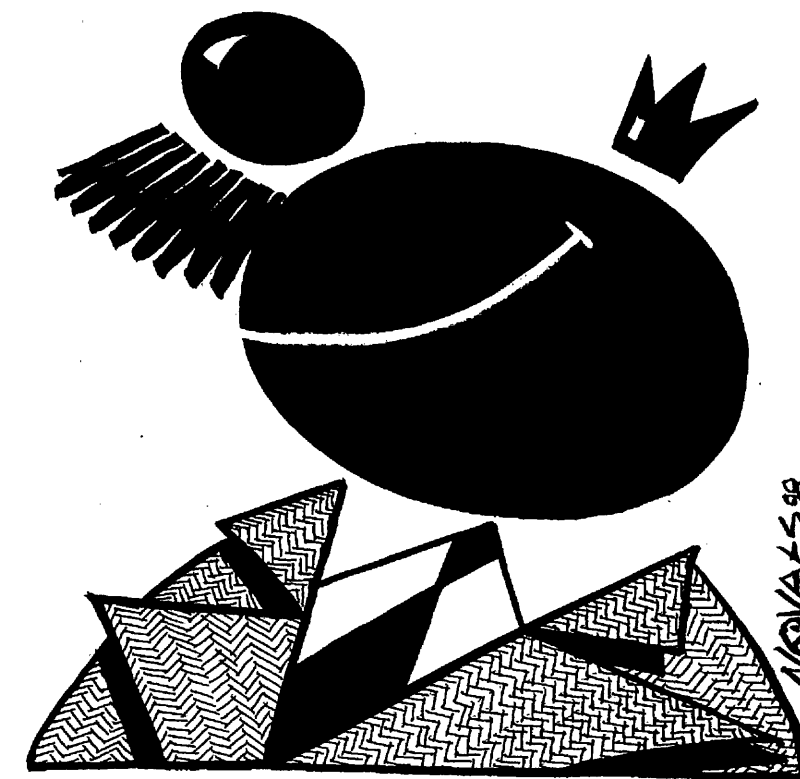
Um único candidato dispõe-se a enfrentar o ex-presidente na disputa pela cadeira do estado no Senado. "Não entendo esse acanhamento", diz o governador João Alberto Capiberibe

Alcinéa Cavalcante  
de Macapá (\*)

O senador José Sarney (PMDB-AP) pode ter a reeleição mais fácil do país. Até agora somente um adversário apresenta-se no Amapá para disputar contra ele a única vaga ao Senado na eleição deste ano. É o vice-governador Ildegardo Alencar (PPS). "Vai ser uma disputa interessante. É o importado contra o nativo", brinca o governador João Alberto Capiberibe (PSB), que já declarou seu apoio a Alencar. O importado é a área de livre comércio que Sarney conseguiu para o Amapá e o nativo é o açaí, fruto de uma valiosa palmeira regional e que movimentada, de acordo com Capiberibe, algo em torno de R\$ 20 milhões por ano, cifra superior à movimentação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana em 1997.

Os demais partidos estão sem coragem de enfrentar Sarney, que busca seu segundo mandato pelo Amapá. "Não entendo esse acanhamento", diz Capiberibe, acrescentando que todos os partidos têm bons nomes para lançar. Ele optou por Ildegardo Alencar por considerá-lo um candidato que corresponde ao Programa de Desenvolvimento Sustentável. "Precisamos de um nome que conheça a fundo o PDSA para defendê-lo no Senado e divulgá-lo nacionalmente".

No PPS, que estará coligado com o PSB, o entendimento é de que Sarney não é nenhum bicho-papão. "Disputar com Sarney a única vaga de senador



terá um gostinho muito especial", diz Ildegardo Alencar.

O presidente do diretório municipal do PMDB, Iraçu Colares, lembra que quando o partido teve a ousadia de trazer Sarney para se candidatar ao Senado pelo Amapá foi bastante criticado e quando Sarney foi eleito o Amapá serviu de chacota para todo o país. "Hoje temos orgulho de ter tra-

zido Sarney, que é quase uma unanimidade porque a população sabe da importância dele para o Estado", diz Colares, acrescentando que por isso poucos se aventurarão a lançar candidatura. "Este ano só temos uma vaga e no entendimento geral esta vaga é do ex-presidente da República".

O presidente da Assembleia Legislativa do Estado, deputado Júlio Mi-

randa (PSL), é um dos que teve que colocar suas pretensões de disputar o Senado na geladeira. "Não vou competir com quem é considerado imbatível. Diante da candidatura de Sarney a minha seria insignificante", resigna-se. Considerado uma das principais lideranças políticas do Amapá, Miranda não se atreve nem mesmo a considerar o apoio a um outro nome. "O nome de Sarney é muito forte".

O presidente do PDT, deputado estadual Waldêr Góes, afirma que dentro da legenda "ninguém manifestou intenção de disputar a vaga ao Senado". O partido já ocupa uma das três vagas do Amapá no Senado com Sebastião Rocha, que tem mais quatro anos de mandato.

No PL a coisa não é diferente. O presidente regional do partido, deputado Rosemiro Rocha, acha que é suicídio enfrentar Sarney nas urnas. "Seria perder tempo e dinheiro", avalia. Na legenda, o ex-procurador geral de Justiça do Estado, Manoel Brito, ainda chegou a se apresentar como postulante à disputa. Quando soube que Sarney não era mais pré-candidato à presidência da República adiou seu projeto de lançar-se candidato.

No PFL, que detém a Prefeitura da capital, a questão não é discutida. O partido não tem indicação para o Senado, até porque nenhum postulante mostrou-se disposto ao embate com o bicho-papão da eleição.

(\*) Especial para a Gazeta Mercantil